

PELO IDIOMA PORTUGUÊS

Alunos do Instituto Social da Bahia, em funcionamento na capital, receberam tarefa de pesquisar e analisar questão sobre se "vai mal o vernáculo no Brasil". Como deviam entender a indagação a pessoas estranhas ao estabelecimento, fui perguntado a esse respeito, por intermédio de um de meus netos, que ali estuda. Respondi-lhes assim: "Atendo, satisfeito pelo interesse revelado, à indagação feita, em carta recente. Não posso afirmar que "vai mal o vernáculo no Brasil", como sustentam alguns escritores ou críticos. É inegável, porém, que há certo despreço à pureza da língua portuguesa, e daí o estilo impróprio, pobre ou condenável de livros, de artigos nos jornais, de letras musicais, de anúncios de propaganda. Até simples nomes de casas comerciais mostram desatenção à regras do vernáculo.

"Por isso mesmo — acrescentei — recebo com alegria a pergunta de estudantes, indicativa de que há nas escolas reação a esse processo desfigurador da língua portuguesa. Zelar por sua correção é defender a cultura, que não se desenvolve, nem se afirma, sem respeito à boa linguagem, simples a fiel às normas do falar ou do escrever civilizado."

Naturalmente, agrada saber-se que um instituto particular de ensino desperta seus estudantes para problema básico, essencial à formação da inteligência, como o do culto do idioma nacional. E a preocupação é demonstrada por forma própria, pedagógica. Provoca-se o aluno a investigar o mal, a procurar suas causas, a esclarecer-se de seus efeitos ruinosos. Nada de começar pelo exame de erros complexos, que confundem os jovens sem lhes mostrar a utilidade da revisão. Por esse método inadequado, os estudantes de outros tempos passavam a odiar Camões e *Os Lusíadas*. A pesquisa das deformações do idioma, ao contrário, e confiada aos discentes, gera interesse e responsabilidade. A verificação dos vícios, com a participação dos que se preparam para a vida, reflete os inconvenientes deles com clareza e conduz o espírito a repelilos. O processo corretivo, assim desenvolvido, é eficiente e se comunica em grupo, sem imposição.

A consequência maior, porém, desse procedimento, é que se amplia, aos poucos, a toda a sociedade. Jovens que estudam, sejam moças ou rapazes, transmitem os conhecimentos obtidos à família. Esta, até para assinalar a aprendizagem dos filhos, revela o progresso aos vizinhos. Estes, despertados, procuram conferir impressões com terceiros. Desse modo se propagam os benefícios da cultura nascente. Onde o aperfeiçoamento da mente se opera em regime de sociabilidade, e não de isolamento, ninguém quer permanecer em estado de atraso e de ignorância. E a educação não é privilégio, como acentuou Anísio Teixeira, exatamente por ser forma que lapida o indivíduo no convívio com outros seres iguais.

Criar na generalidade, a começar dos estudantes, a idéia de valorização do idioma nacional é elevar a forma normal de transmissão de



pensamento, de crenças, de aspirações entre pessoas de um mesmo país. Mais do que isso, é meio de promover a igualdade, pois o modo de expressão apurado supera distâncias, favorece entendimento e soluções. Na comunicação social, nos negócios, nos concursos, em todas as relações, enfim, saber traduzir idéias e sentimentos é abrir caminho à realização de anseios diversificados. Em nosso país, com as diferenças sociais, e econômicas e culturais entre as regiões, refletindo-se nas pessoas, propiciar a todas, ou ao maior número possível, razoáveis conhecimentos da língua portuguesa é assegurar condições de reduzir os intoleráveis desequilíbrios existentes.

Note-se quantos talentos com vocação para as artes e sobretudo para as letras permanecem sem nelas iniciar-se, ou não conseguem projeção, porque lhes falta o domínio do idioma. Muitos são explorados ou desfigurados pelos que sabem exprimir-se bem por escrito. Se para todas as profissões é útil o manejo seguro do idioma, de mais indispensabilidade se patenteia naquelas de comunicação direta com o público, como o magistério, a advocacia, as artes cênicas, a vida política. Não se trata de exigir estilo polido, porque tal depende de tendência à especialização literária. Nem de linguagem complicada, retorcida. O aprumo da expressão pode refletir-se com simplicidade e clareza, do que oferecem

exemplo grandes escritores, como Machado de Assis. Ao comum das pessoas nem se pede manifestação em forma literária, ou escoreita. O que convém a todos os indivíduos, em seu benefício principalmente, é a linguagem, falada e escrita, revestida de asseio e elevação. Aos que estudam, decerto a exigência é maior, em garantia de sua formação e de seu futuro.

Se outras casas de ensino, no país, estiverem seguindo a mesma orientação do Instituto Social da Bahia, valioso estímulo será dado ao aperfeiçoamento da cultura geral e ao apreço à língua portuguesa.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia